

Vocação para Mártir

DAILY LUIZ WAMBIER

Acredito que o mundo nunca possuía tanta gente dominada pelo complexo do martírio do que atualmente.

Explico, inicialmente, para me tornar mais claro, o que entendo por complexo do martírio. Sobre dêsse mal o indivíduo que, embora podendo e devendo viver em paz, com o espírito tranquilo, procura por todos os meios ao seu alcance transformar esse tipo de vida num inferno povoado de contrariedades, ranzinzes e angústias, porque as coisas do mundo não vão bem.

Ora, todos nós sabemos que o mundo vai mal, por obra dêsse estranho fenômeno que vem invertendo a ordem dos valores humanos, nos seus vários setores e nas suas múltiplas maneiras de se manifestar.

É certo que o burrismo está dominando a inteligência e se transformando em cultura. É a mais triste e dolorosa realidade dos nossos dias. Mas o que se há-de fazer? Imitar Jeremias e deitar lágrimas por quantos poros temos no corpo? Derramar lágrimas de piedade para esse mundo que se perde na selvajaria das competições e na brutalidade das concorrências?

Não acho certo nem justo que se tome atitude dessa natureza.

Tenho de mim para mim que tudo se decomõe neste melancólico crepúsculo de uma civilização essencialmente materialista. Estamos dobrando a última esquina que nos conduz ao abismo da mais profunda decadência moral, espiritual e intelectual.

Resolve alguma coisa, entretanto, que se anide aos quatro cantos da Terra a proclamar a podridão, quanto é certo que tôdas as narinas delicadas sentem o mau cheiro que exala da civilização contemporânea?

Deblaterar, lamentar e chorar sobre essas quase ruínas de um mundo que nunca desejáramos nem jamais sonháramos é obra de covardes que se fecham no círculo dos seus próprios temores, receiosos de enfrentar o problema ou incapazes de contribuir, com a sua parcela de esforço, no sentido de se encontrar a solução aconselhável e necessária.

Além de permanecerem, esses indivíduos, numa postura que tem alguma coisa de platonismo ou contemplação, longe de qualquer ato de rebelião contra o estado de espírito de nossa época, eles chegam mais lenha à fogueira do pessimismo que se está generalizando, como a dizer que não existe mais remédio para a conjuntura que defrontamos.

A terapêutica existe, não há negar. Nada há, na face da Terra, que não possua o medicamento capaz de lhe curar as doenças. Depende de como e quando aplicá-lo.

A morte, em muitos casos, não é uma solução perfeita e desejável?

Esses indivíduos, dominados pela idéia do martírio, via de regra, são mais perniciosos do que o próprio mal em si.

O mal, quando se faz sentir, ocasiona a uma pessoa, a uma classe ou a um povo os efeitos deletérios de sua ação, limitados pelo possível.

Já o indivíduo empolgado pelo complexo do martírio faz prosélitos, semeia de dúvidas os outros espíritos, povoa de incertezas o ambiente em que age e põe a dúvida no coração de todos, de onde o clima para que floresçam as ervas daninhas que aniquilam e degradam as vontades ainda sobrepairando nas águas escuras da indecisão.

A vocação para mártir, defeito de educação e de caráter que se espalha por toda parte, é um

mal maior do que a decadência a que estamos assistindo. É a mais lamentável demonstração de desequilíbrio entre as duas tremendas forças que se chocam, para que uma delas se revista dos atributos de guia e condutor dos povos, em futuro bem próximo.

O indivíduo com essa tendência não vai para diante nem volta para trás.

Fica no meio, lamuriendo e choroso, a atraparlar os que ainda têm o espírito de luta e tiram, das raízes do próprio sofrimento, a força que os há-de levar à vitória final. Não luta nem deixa os outros lutar. É um estôrvo.

Sua família, infelizmente, cresce assustadoramente. Homens e mulheres a ela se incorporam, uns por medo à realidade e outros por comodismo e conformação. E se põem, os infelizes, num círculo que sugere as vozes satânicas saídas do Inferno, a lamentar-se aos gritos, a chorar em reboleios de histerismo e a prantejar-se como fantasmas de um mundo que se extinguiu.

Essa desgraçada classe precisa e deve merecer, além do nosso formal repúdio, as nossas melhores reservas de resistência contra o que é ruim e errado.

Deixemos, por alguns instantes, que o mundo progrida na sua caminhada para a decadência e voltemos nossa atenção para os que têm vocação de mártir. Assestemos nossas armas contra eles. Desfechemos-lhes os petardos de nossa reação. Para que se acabe o moderno martirólogo, feito de covardias e embustes, de indecisões e mentiras, de inibições e recalques e de fraquezas e comodismos.

Ninguém é mártir por vontade própria.

Mas eles querem inverter a ordem natural das coisas ao inculcar-se como mártires modernos, somente porque, ao invés de lutar, preferem a posição cômoda do simples espectador, com as pernas espichadas e os braços abertos, a fim de mais enaltestar as criaturas que se danam, na planície, numa batalha incessante a favor do espírito e das suas eternas criações.